

**ATA N.º 21/XII/2018**

**Reunião Ordinária Pública de**

**26/09/2018**

Aos vinte e seis dias do mês de setembro do ano dois mil e dezoito, no Salão Nobre do Edifício Sede do Município, pelas vinte e uma horas, reuniu a Câmara Municipal da Moita, sob a Presidência do Sr. Presidente Rui Manuel Marques Garcia e com a presença dos Srs. Vereadores Luís Fernando Marta Ribeiro Chula, Daniel Vaz Figueiredo, Carlos Edgar Rodrigues Albino, Vivina Maria Semedo Nunes, Joaquim Inácio Raminhos Cabaça, Miguel Francisco Amoêdo Canudo, Filomena Maria da Silva Magalhães Ventura e Luís Fernando Vaz do Nascimento.

Declarada aberta a reunião pelo Sr. Presidente, foram discutidos os pontos infra indicados de acordo com a Ordem do Dia, previamente distribuída por todos os membros.

Propostas:

1. APROVAÇÃO DO INÍCIO DO PROCEDIMENTO DE ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO DOS CEMITÉRIOS DO MUNICÍPIO DA MOITA .....18
2. APROVAÇÃO DO INÍCIO DO PROCEDIMENTO DE ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO DOS TRANSPORTES ESCOLARES DO MUNICÍPIO DA MOITA .....20

Foi seguidamente dado início ao Período de Intervenção do Público.

PERÍODO DE INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

Sr. Paulo Gromicho – Interveio colocando algumas questões sobre a Festa da Moita, que terminou há pouco, e sobre o que ocorre na Rua 5 de Outubro, onde reside, e aspetos que não correm, na sua opinião, bem de há alguns anos a esta parte e não têm sido corrigidos. A saber: - A ocupação do espaço

de restauração; o som; os fogareiros. Mais acrescentou que compreendendo que nestas alturas possa haver mais permissão para tal, considera que deverá haver um limite para os exageros. Relativamente aos fogareiros, há uns anos que tem um fogareiro por baixo da sua varanda; já falou em anos anteriores com a Comissão de Festas e alguns dos Vereadores, mas não viu nenhuma medida a ser tomadas a esse respeito. Desconhece qual é a permissão e os espaços permitidos e dados aos estabelecimentos, mas considerou um abuso e uma falta de respeito (à sua porta) porque se vê impedido de abrir as janelas - caso contrário fica com a casa a cheirar a fogareiro, o que para si é uma situação inconcebível. Para quem vem ver a Festa e vê um toldo, considerou que a imagem também não abona muito a favor da Festa.

Considerou ainda que as ocupações dos espaços da restauração deviam ser marcadas e identificadas. Verificou que nitidamente existem abusos. Durante a noite e ao fim de semana, por vezes quer passar na rua com dois carrinhos de bebé e nem sequer consegue. No dia da Procissão, quer passar no passeio, do lado do Moitense, e a existência de fogareiros e mesas também não lhe permite. Ou seja, haver uma delimitação do espaço, que eventualmente até pode existir, mas não está demarcada. Também tem conhecimento de que há abusos constantes onde nem sequer os próprios comerciantes se entendem e quase brigam todos os anos entre eles, devido a estas situações.

Relativamente ao som, e tendo a perceção que a Rua 5 de Outubro é neste momento mais mediática, até pela existência de bares, considerou, porém, que o mesmo é exagerado. Ao longo dos anos tem vindo a questionar e a reclamar porque motivo o som está tão alto, e se é controlado e existem medidores de som. Constatou que não existem aparelhos de medição de som; nem a Câmara, nem a Comissão de Festas, nem a G.N.R tem condições de medir o som, por falta de aparelho para tal, mas considerou ser uma situação em relação à qual têm de ser tomadas algumas medidas porque garantidamente todos questionam como é que se consegue dormir porque som é diferente de ruído. Esta questão ultrapassou os limites. Ninguém consegue conversar, nem estar bem. As pessoas em alguns estabelecimentos acabam por sair porque não conseguem estar sentados na esplanada, em família. Na sua opinião não é este o caminho que a Festa deveria tomar. Referiu ter estado num Seminário sobre Inovação em que ficou a saber que a Câmara de Lisboa está a fazer um projeto piloto e vai colocar sensores nas aparelhagens das discotecas, e nas zonas onde há residentes, no Município de Lisboa. Assim que o som for ultrapassado nos limites, está monitorizado, e a Câmara fica automaticamente a saber que o som foi ultrapassado. Os donos das discotecas irão receber um SMS. Na eventualidade de não baixarem o volume do som, a polícia municipal vai ao local e atua.

Talvez no futuro, na Moita, se pudesse tomar alguma medida semelhante que pudesse ser implementada de forma a controlar os exageros que se verificam.

Como morador também se queixou da ocupação da Travessa com mesas e cadeiras, que não permitem que as pessoas circulem. Considerou que tem de ser feito algo por parte da Comissão de Festas, ou da Câmara para que estas situações não passem a ser um abuso constante, porque tem vindo a constatar que ano após ano vai piorando e, como tal, gostaria de ver alguma medida corretiva em relação a estas questões, porque como morador sente-se muito lesado. Sente que é uma falta de respeito que os comerciantes têm, porque não querem saber; a partir das 2h da manhã, o som parece que aumenta mais, as casas tremem, e ano após ano tem vindo a piorar.

Sr. José Vidalvinhos – Identificou-se como sendo residente em Alhos Vedros, na Rua Azevedo Coutinho, no lote 6, em frente ao 53 (porque na Rua existe outro lote 6).

Colocou a questão da existência de baratas, porque embora residindo num segundo andar aparecem baratas com mais de 6 cm provenientes dos coletores para a caixa do saneamento do prédio. Na sua opinião, para uma possível desinfestação deve começar-se pelas caixas que vão do saneamento para o coletor.

Colocou também a questão de uma árvore em frente ao seu prédio. Um vizinho seu, que veio à Câmara, solicitou que se cortasse a árvore porque é prejudicial - está muito inclinada para a estrada. Os trabalhadores do Município vão ao local, podam a árvore, mas no inverno os ramos crescem, os camiões maiores batem nos ramos, e inclusive já lhe riscaram o seu carro. No inverno ela cresce e sabe que não pode colocar o carro no local, porque os ramos quebram-se e caem para cima do veículo.

Sr. José Carvalheira – Colocou diversas questões, que em seu entender carecem de atenção por parte da Edilidade. A primeira, relaciona-se com a Estrada dos 4 Marcos, referindo que a mesma está muito bem em frente à Escola Profissional, mas questionando se o restante é para ficar como está ou se é

para, com mais tempo, terminar de asfaltar até ao Cruzamento dos 4 Marcos. Também gostaria de saber se a Rua da Amoreira e a outra ao lado, que estão para asfaltar há muitos anos, se é desta vez que o serão. Pretendia ainda saber se os largos feitos junto à Escola Profissional são para estacionamento, se é a Câmara que os faz, ou a Escola Profissional, ou se não são para estacionamento e estão no local devido às obras. Questionou ainda como se pode abrir uma Escola Profissional, com tantos alunos, sem estacionamento para os veículos.

Na Rotunda das Oliveiras, em frente ao Modelo, continuou, existe uma tampa do saneamento que já causa algum transtorno aos carros, mas se passar algum indivíduo de mota ou de bicicleta poderão haver problemas.

Quanto às passagens de peões na Rotunda do Touro, mal se notam, bem como no Juncalinho.

No que concerne aos eucaliptos do Juncalinho, informou que no dia 13 caiu mais uma pernada. Solicitou que não se espere que algum dia aconteça uma desgraça, para depois todos se lamentarem. Existe uma árvore que na sua opinião está podre, e para avaliar isso considera que basta olhar para a folhagem.

Por fim, solicitou que se colocasse um pouco de tout-venant na Rua dos Ramalhos.

Sr.<sup>a</sup> Vânia Matos – Colocou a questão de a sua filha frequentar a Escola do Palheiro, numa sala sem condições para as crianças, porque é difícil respirar no período da manhã e na parte da tarde então é impensável, devido ao calor que se sente (inclusive uma criança que chegou a vomitar). Uns pais angariaram um aparelho de ar condicionado, que doaram à Escola, mas que ainda não foi instalado. Compreendem que a Escola é antiga o que pode dificultar a instalação, mas trata-se de uma questão muito complicada. Instou que um dos eleitos se deslocasse à Escola por volta das 14h ou 15h, para sentirem o que se passa. As crianças não conseguem estar sentadas porque é insuportável. As crianças transpiram porque a sala tem vidraças onde o sol bate durante todo o dia. A professora já experimentou várias situações para minorar o problema, inclusive molhar as crianças, mas nada resulta. É desumano para crianças de 8 anos. Os pais já levaram ventoinhas, água fresca para as crianças, a professora manda-os para o andar de baixo, com frequência, mas não consegue avançar com as crianças porque não lhes pode exigir que com mais de 40 graus na sala estejam quietos e sossegados, porque a própria não consegue. Agradecia que o técnico do ar condicionado o fosse instalar para que as crianças tivessem um pouco mais de condições. A Escola foi inaugurada há 38 anos, é antiga. Solicitou que se desse um “empurrãozinho” para que a questão fosse tratada com urgência, até porque no inverno não é tão rigoroso.

Sr. António Nunes – Apresentou-se como guarda noturno da Moita, há 32 anos. Informou que há um ano a esta parte tem vindo a solicitar reuniões para falar com o Sr. Presidente devido ao seu trabalho, que atravessa dificuldades, uma vez que os guardas-noturnos sobrevivem de uma coleta dos contribuintes e desde que começaram a abrir as grandes superfícies a situação piorou. Explicou que de há um ano a esta parte se tem deslocado frequentemente à Câmara para marcar reuniões (não para pedir nada a ninguém, mas um apoio psicológico e moral para saber o que fazer), porque lhe foi atribuída a zona rural na Moita, que não dá nada, e a sua pretensão não tem sido atendida. Havendo a hipótese de ir para a Baixa da Banheira, solicitou ao Sr. Presidente ou a quem de direito, que o auxiliassem nessa situação porque está numa situação que considera caricata, porque não ganha para as despesas. Já tem dívidas de mais de um ano à Segurança Social, tem um carro com 20 anos, que tem avarias frequentes e dispendiosas. Gostaria que lhe fosse explicado o porquê de há um ano solicitar reuniões e ainda não ter sido atendido nem ouvido.

Sr. Vereador Miguel Canudo – Esclareceu sobre a Rua Azevedo Coutinho que já foram feitas várias desbaratizações mas tomou nota para fazer uma nova desbaratização, que é feita da forma que foi referida. Será verificado o estado em que está. Relativamente à árvore questionou se a opinião do Município é de que se deveria cortar a árvore porque não faz nada no local e está torta. Relativamente à Estrada dos 4 Marcos referiu que nesta fase não está previsto pavimentar mais. Relativamente à Rua da Amoreira, e a Rua José Gomes Ferreira também não vão ser pavimentadas, porque não há condições para o fazer; o terreno é particular, e embora a senhora tenha autorizado o estacionamento dos carros enquanto a obra decorria, o que a Câmara agradeceu, mas foi só durante aquele período. Em relação ao estacionamento de veículos de frequentadores da Escola, compete a esta arranjar condições para os carros dos seus utentes, dos seus alunos. Existe muito espaço, mas não será permitido

estacionamento na berma. Quem estacionar no local, sujeita-se. A estrada era considerada perigosa como estava, e pessoalmente considerou que agora ainda está mais perigosa. A partir do momento em que levou um pavimento novo, o automobilista tende a acelerar mais e a estrada pode-se tornar ainda mais perigosa. Com o estacionamento de carros na faixa de rodagem, ainda mais é. Já foram enviados ofícios à Escola, estão numa fase de motivação para não colocarem lá o carro. Foi feita uma berma para os alunos passarem.

Quanto às passadeiras faz parte do plano de pintura e repintura. Haverá uma altura. Mas aquelas que estiverem em piores condições serão vistas e se for necessário haverão de pintá-las.

Relativamente à tampa de esgoto, está inclinada.

Quanto ao problema do Juncalinho, já lá foi e estão a ver se descobrem quem é o dono da fábrica que lá estava (mármore). Está em insolvência. Têm de tirar de lá as pedras todas e os eucaliptos têm de ser cortados, conforme já foi falado, esperando-se que o trabalho seja efetuado no próximo inverno.

Sr.<sup>a</sup> Vereadora Vivina Nunes – Tentando dar resposta à questão colocada pela Sr.<sup>a</sup> Vânia, referiu estar feita a sinalização da referida escola e de uma outra que tem a mesma tipologia, de janelas muito grandes e cujo conforto térmico sobretudo nas salas do primeiro andar é complicado. Com o tempo que se tem feito sentir, as coisas não melhoraram, pioraram. Têm tido um trabalho de intervenção nas escolas, de melhoramento, tendo em conta as prioridades existentes e as necessidades das várias escolas. O conforto térmico, neste momento, é um dos objetivos prioritários. O que a Sr.<sup>a</sup> coloca e lhe disseram, é verdade. O problema tem a ver com a carga elétrica, porque a escola é antiga, e o trabalho técnico que está a ser feito é no sentido de poder ser alargado a toda a escola. Tendo em conta o tempo, vão tentar fazer uma reavaliação, sobretudo nas salas piores, porque toda a escola necessita, mas há realmente uma ou duas salas tanto nessa escola, como na escola n.º 5 que sofrem com o calor. É o compromisso que assumem, uma vez que têm a situação sinalizada. Tem inclusive marcado para amanhã um atendimento com o pai de um aluno, que também solicitou uma conversa com a Vereadora, e a quem dirá o mesmo. O Sr. Vereador Miguel Canudo também se compromete a fazer uma avaliação, - se o quadro elétrico aguenta pelo menos nas duas ou três salas que são mais complicadas naquele equipamento -, porque as restantes, não sendo ideais, não são tão complicadas, disse.

Sr. Vereador Luís Chula – Referiu que achava interessante que algumas das questões que pretendia colocar antes da ordem do dia tivessem sido trazidas pelo público, o que o colocou em sintonia com as preocupações que as pessoas trouxeram e com as quais se solidarizou.

Era a situação da escola do Palheiro, porque naturalmente sendo vizinho da escola, bastantes pais já lhe haviam referido as necessidades colocadas, e vinha referi-las na reunião, mas estão já explicitadas e não necessitam que faça redundância em voltar a tratar delas.

A questão das passadeiras, crê ser um problema que transcende o explicitado pelo Sr. Carvalheira, que só falou de duas, porque ainda recentemente foram pintadas várias no centro da Moita praticamente antes da Festa e passados dois dias, porque efetuava o percurso a pé, e constatou que já estavam cinzentas. Não se via o branco da passadeira.

Sobre a questão das árvores que o Sr. Carvalheira referiu, o serviço da Proteção Civil, do qual é responsável, foi verificar a situação e reportou aos serviços próprios da Câmara que são da responsabilidade do Sr. Vereador Miguel Canudo, que também estiveram no local, ficando sinalizadas e com a incumbência de até ao final do ano, ou durante o inverno tratar.

Outro assunto, que também é um assunto sobre o qual julgou que se deveria pronunciar, tem a ver com a segurança e com a intervenção que o Sr. António Nunes fez, no que respeita à sua função de guarda-noturno. A segurança é sempre um problema que todos têm em linha de conta, e naturalmente que todos os acréscimos que vêm quer pela atividade comercial, que o Sr. António Nunes desempenha, quer por outras forças de segurança, são sempre adições positivas que se fazem, a uma situação que é bastante preocupante para todos. Considerou que a existirem condições para que o Sr. António Nunes pudesse fazer um trabalho noutras condições, melhor.

Sr. Presidente – Começou a intervenção, respondendo às questões relacionadas com a Festa, solicitando ao Sr. Paulo Gromicho que ficasse para assistir à parte do debate que pretendia fazer no Período da Ordem do Dia, em que certamente haverão várias intervenções sobre a matéria. Relativamente às questões em concreto disse existirem algumas preocupações que são partilhadas. Todos os que venham à Moita, disse, num dia ou noite de Festa, têm consciência de que os moradores

da zona dentro do recinto da Festa não têm uma vida fácil nos 10 dias em que esta decorre, e têm consciência de que surgem alguns abusos e algumas situações que não se têm revelado fáceis de controlar. Mais, propôs que para permitir o debate entre todos, no período seguinte da reunião, se fale mais sobre a questão.

Relativamente à Estrada dos 4 Marcos, o que falta ficará como está, até ser arranjado. Não o foi ainda porque os recursos são inferiores às necessidades, e portanto existem prioridades e as coisas vão-se fazendo à medida que é possível e de acordo com a urgência que revelam. Sendo verdade e passando pelo local muitas vezes, constata que a deterioração da estrada a seguir ao cruzamento com a Rua dos Pomares está a acentuar-se muito. A estrada, há dois anos, não estava assim; as raízes estão a crescer o que prejudica muito a circulação e significa que terão de atuar mais depressa do que tinham eventualmente previsto. Mas não estão ainda em condições de dizer o que é que o Orçamento de 2019 trará, uma vez que estão a elaborá-lo, não pode ainda dizer se este trabalho será ou não contemplado em 2019, ou quando será.

Em relação à questão da Escola Técnica Profissional da Moita, e assumindo que o Sr. José Carvalheira tem razão (embora a questão já tenha sido referida em mais do que uma reunião), salientou que os problemas do estacionamento e do saneamento têm que ser levados em conta. Porém, disse “aquela escola não é uma escola igual às outras”. Quando as escolas são feitas pelo Estado há entidades que têm a preocupação de falar com o Município, para se prepararem as acessibilidades e os estacionamentos. Por exemplo, o edifício novo da Escola Secundária da Moita, naturalmente, preparou-se. Fez-se uma intervenção. A Câmara preparou o espaço à volta, fazendo o que tinha a fazer e o Ministério da Educação fez o que tinha a fazer, articulando com o Município a nova localização. A Escola Técnica Profissional da Moita é uma empresa que se instalou nuns armazéns que existiam no local, transformou-os, e passou a funcionar como Escola. Nada foi articulado com a Câmara. Souberam que ia haver uma escola no dia em que abriu. Não tem estacionamento, as acessibilidades não foram acauteladas. Tudo foi tratado onde era preciso ser tratado, para obter o alvará e a Câmara soube no dia em que abriu. Entretanto os munícipes da Moita já contribuíram para o sucesso da Escola Técnica Profissional fazendo um arranjo, saneamento e asfaltamento no valor de 150 mil euros. Foi uma contribuição dada ao sucesso da escola, de cada um que paga impostos no Concelho. A escola é uma escola de sucesso, tem um ensino dentro do que é um ensino profissional e tem tido um sucesso assinalável, esperando-se que continue. Tem havido uma colaboração intensa e profícua com a Câmara. No entanto a forma como ficou localizada naquele espaço em concreto, não foi a melhor e até hoje se mantêm alguns problemas que não foram ultrapassados, nem se antecipa que facilmente o sejam, porque não há terreno para poder enquadrar estacionamentos e outro tipo de coisas.

Sobre as escolas do 1.º Ciclo, o problema da inadequação dos edifícios das escolas portuguesas às temperaturas sentidas no nosso país, infelizmente, não é um problema só, nem da escola do Palheiro, nem das escolas daquele ciclo de instrução. As crianças habitam-se a isso logo aos 6 anos, quando vão para a escola, mas posteriormente é uma realidade que as acompanha nas outras escolas. A Fragata do Tejo, a Dom Pedro, as outras têm a mesma realidade. Um calor excessivo dentro das salas porque, segundo se diz, as escolas portuguesas foram modelos importados do norte da Europa, com espaços envidraçados. A questão é que as escolas que foram construídas, as do 1º Ciclo, passaram para os Municípios, e a partir daí a responsabilidade de resolver os problemas passou para os mesmos. Estão em vias de passarem para os Municípios igualmente as escolas do 2º e 3º Ciclo e a responsabilidade de resolverem os respetivos problemas. A verdade é que não existem recursos, nenhum Município no país tem os recursos para resolver os problemas num curto período. Todos os anos, no Concelho da Moita, há mais de 20 anos, existem intervenções de requalificação nas escolas durante o período das férias de verão. Não se trata só de conservação, de arranjar o telhado, da pintura ou algo semelhante; intervenções de requalificação todos os anos acontecem. Mesmo assim ainda há muito a fazer, embora seja verdade que estão em vias de poder começar, aliás já começaram, uma nova fase, ou seja, existiu uma primeira fase de dar alguma qualidade de ensino ao interior, e de fazer obras no interior. Posteriormente surgiu a questão dos refeitórios e da necessidade de providenciar refeições a todos os alunos. Houve também 3 ou 4 anos que se fizeram obras para criar as condições para que os alunos possam comer nas escolas. Depois, têm feito intervenções nos espaços exteriores, estando atualmente a concluí-las. Já passaram à fase de “termo ventilação”, de colocação de ar condicionado no interior das escolas, embora só em 4 ou 5 salas de jardins-de-infância. É a próxima fase. Não foi possível antes. Se somar tudo, ao longo dos 20 anos, foram milhões de euros que foram investidos, e bem. Tudo o que se investe para as escolas e para as crianças é bem gasto, mas não

houve condições para ir mais longe. A Sr.<sup>a</sup> Vereadora vai ver se há capacidade, porque há o problema de as instalações elétricas das escolas serem antigas, da altura da construção. Não foram pensadas para suportar cargas elevadas. Na altura ligava-se um aparelho elétrico, um aquecedor a resistência, era o que havia. Não exigia mais. Não suportam cargas maiores. Para se colocar climatização nas escolas há que remodelar toda a rede elétrica e isso é um custo acrescido, para além de um trabalho também mais complexo, porque envolve mexer nas paredes, em toda a instalação e o valor cresce significativamente. Se fosse só a questão de comprar o aparelho e colocar no local, provavelmente já teria havido capacidade para o fazer em mais situações.

Sobre a questão colocada pelo Sr. Nunes, o Sr. foi atendido pelo seu Chefe de Gabinete, tendo colocado as questões, que lhe foram devidamente transmitidas. A posição sobre a questão, que julga já lhe ter sido colocada mas que lhe transmite novamente é que a atividade de guarda noturno é uma atividade particular. A Câmara Municipal não se envolverá mais do que aquilo que se envolveu até ao momento e não há intenção de ajudar a suportar quaisquer custos. Há o entendimento de que a segurança deve ser feita pelas forças de segurança, preferencialmente. Há a G.N.R, a PSP e a atividade de guarda noturno depende das necessidades e da vontade dos comerciantes ou dos moradores de um determinado local para fazer esse pagamento. Quanto à questão colocada da Baixa da Banheira, a primeira reação foi de alguma estranheza. Pareceu-lhe complicado como é que um guarda noturno guarda simultaneamente a Moita e a Baixa da Banheira. O Sr. continuará a ter, enquanto quiser, a licença do Município para atuar, e a ligação à G.N.R. para atuar, mas não irão além disso.

Não havendo mais intervenções, passou-se de seguida ao Período Anterior à Ordem do Dia.

#### PERÍODO ANTERIOR À ORDEM DO DIA

O Senhor Presidente apresentou para conhecimento:

- A posição atual do Orçamento da Receita do presente ano, o resumo da posição do Orçamento da Despesa, assim como o Resumo Diário da Tesouraria, da Câmara Municipal.

De seguida o Sr. Presidente tomou a palavra, a fim de fazer um balanço sobre a Festa da Moita 2018:

- Afirmou que o balanço da mesma é um balanço positivo, do seu ponto de vista: - uma elevada participação diária, mais que em outros anos notou-se menos assimetria no número de pessoas a visitar a Festa, mesmo nos dias tradicionalmente mais fracos, terça, quarta e quinta-feira, foram dias de muita afluência de pessoas à Moita; o espetáculo de quarta-feira excedeu todas as expectativas. Do ponto de vista de participação, de afluência, a Festa foi um sucesso. Um programa equilibrado, que sem aventureirismos de pagar fortunas a nomes muito sonantes conseguiu ter um programa equilibrado que atraísse públicos de diversos gostos, e manter sempre uma presença muito significativa de público. Os restantes eventos da Festa: a Procissão, todos os anos é um dos momentos altos que mais pessoas atrai à Moita e este ano voltou a sê-lo; eventos como a Noite do Fragateiro, o Cais Vivo, a Prova de Atletismo, foram diversos eventos que tiveram também elevadas participações, quer de participantes/praticantes quer de pessoas a assistir. Nesse ponto de vista a Festa foi um sucesso. Relativamente a questões que preocupam todos os Eleitos, sempre, do ponto de vista da segurança, também, à exceção do acontecimento trágico que será abordado mais à frente, a Festa correu bastante bem. Não houve incidentes significativos de registo, tendo em conta que se trata da presença de milhares, nalguns momentos de dezenas de milhares de pessoas, na Moita, e portanto os incidentes e o relatório apresentado pela G.N.R. e que um dos jornais nacionais colocou na primeira página, e que não é mais do que andar atrás dos rastos de sangue, é perfeitamente insignificante. Tratando-se de uma Festa que tem dezenas de milhares de pessoas, e que foram apreendidas 15 armas brancas, ou 20 a 30 doses de cocaína e de haxixe, merece um comentário. As armas apreendidas foram-no, e ainda bem, exatamente porque há uma grande preocupação quer da Câmara, quer da Organização das Festas -, da Comissão de Festas, e da G.N.R. em terem uma ação de prevenção, em evitar que alguns grupos e alguns indivíduos referenciados, cheguem a entrar trazendo

armas para dentro da Festa, e portanto têm uma ação na periferia que controla imediatamente os acessos e que impedem que tal aconteça, sendo isto um bom sinal. É uma atuação eficaz por parte das forças de segurança. Em relação à cocaína, referiu que se fosse feita uma revista a todas as pessoas que entram nos jornais, incluindo o Correio da Manhã e outros, todos os dias de manhã, certamente encontrariam algumas doses de cocaína e algumas doses de haxixe. Não lhe parece que essa questão possa pôr em causa o ambiente de segurança que se vive na Festa. Quem anda nela, quem vem à noite passear ou à tarde, anda calmamente, anda com os seus filhos, não vê distúrbios, pancadarias nem nada que não veja em qualquer outro sítio, que não veja no Santo António, em Lisboa, que não veja na Queima das Fitas, em Coimbra ou em Lisboa, que não veja nos Festivais de Rock, que não veja em todos esses eventos.

Aspetos menos positivos e alguns terrivelmente negativos: existem alguns focos de instabilidade, sobretudo a partir das horas mais adiantadas da noite, e um deles é efetivamente, como referido pelo Sr. Paulo Gromicho, a Rua 5 de Outubro, mais para o final da noite e mais na madrugada, onde do seu ponto de vista, e também da Comissão de Festas, e das forças de segurança, existe excesso de ruído, excesso de música, uma espécie de competição para ver quem coloca o som mais alto; existem problemas que necessitam de reflexão sobre as medidas a tomar sendo que há medidas que não são executáveis. Por exemplo, relativamente à medição do ruído, uma medição do ruído necessita de condições próprias, medir o ruído numa rua onde estão milhares de pessoas a falar e a gritar não é viável. Há que refletir em formas de minorar a situação, que fazer com que alguns dos comerciantes da zona tenham mais compreensão do que a que têm tido. Existe um ou outro estabelecimento onde os problemas são mais acentuados, porque não têm todos o mesmo comportamento, têm comportamentos diferenciados. Infelizmente regista-se que alguns dos que têm comportamentos piores, supostamente, por serem da Moita, seria de esperar que tivessem outro e não são propriamente os que têm. Outro foco que também existe (chegando-se este ano a falar da questão, mas que não foi resolvida), necessitando também de reflexão, é o ambiente propício a alguns desvarios quando os utentes saem da discoteca, às 06.00h, por ser uma fase em que o dispositivo de segurança da G.N.R. já está em desmobilização, a Festa já encerrou e existe um conjunto de pessoas que sai de casa para ir trabalhar e se defronta com alguma desordem, havendo que pensar como intervir nessa matéria.

Por fim, o trágico da Festa. Infelizmente uma Festa que até aí não tinha sido notícia transformou-se em notícia pelos piores motivos. O crime cometido contra os jovens e que originou um falecimento de uma jovem é algo inexplicável, não sendo perceptível o que passa pela cabeça de alguém para tomar uma atitude como aquela, não deixando de ser assustador pensar que estamos num mundo onde alguém se zanga com outro e ao invés de ter as atitudes consideradas usuais nessas situações, vai buscar um carro e atira-o pra cima de uma multidão. É assustador estar num mundo onde pela cabeça de um jovem passa esta questão, tendo apanhado cinco pessoas, mas supostamente seria seu desejo apanhar mais, disse. Lamentou profundamente que tal situação tivesse ocorrido, que se tenha perdido uma vida de uma jovem, que em quaisquer circunstâncias seria sempre uma tragédia, mas para além do mais era uma jovem ligada à comunidade, praticante desportiva, ligada aos Clubes, tinha estado no “Chão Duro”, encontrando-se atualmente no “Ribeirinho”, era uma presença habitual nos pódios do AtletisMoita, uma jovem extraordinária que foi assassinada na situação em que foi. Lamentando, há que dizer que aconteceu na Festa, mas poderia ter acontecido noutras circunstâncias. Do ponto de vista da organização da Festa e da atuação das forças de segurança, designadamente da G.N.R., não há responsabilidades. Os acessos à Festa estão vedados e tão bem quanto é possível estarem; isto é, se alguém se questionar se ao invés de baias de metal que podem ser desviadas, porque é que não se colocam barreiras de cimento ou de betão. Não existem, pela simples razão de que é necessário que possa entrar ou sair uma ambulância, um carro de bombeiros. Estão milhares de pessoas dentro da Festa. É necessário garantir, para além da circulação diurna, a passagem de um carro de emergência, pelas barreiras, no período noturno. Por isso, por exemplo na Avenida, este ano, em que por indicação da G.N.R. (e acentuar que existe uma grande colaboração e intervenção da sua parte), há um dispositivo permanente nas ruas, muito forte, visível ou não, e como tal as questões de segurança estão tão acauteladas quanto é possível fazê-lo, porque existem situações que não se imaginam que possam acontecer, como a que aconteceu. O carro entrou desviando as barreiras que estavam colocadas, quase atropelando um grupo de militares da G.N.R. que estavam no local. Foi portanto um ato criminoso, tresloucado, que não foi nem provocado nem facilitado, nem podem ser assacadas responsabilidades a mais ninguém, a não ser a quem o praticou.

Um dos aspetos, também alvo de muitos comentários é a Tarde do Fogareiro. Este ano também teve um ambiente até mais calmo do que em anos anteriores. Foi um dos anos em que não houve problemas, não houve distúrbios. À noite, que era um momento difícil em alguns anos porque era difícil que as pessoas saíssem, para limpar a Avenida e fazer os preparativos para o início da largada, este ano correu bem. Ainda não era meia-noite e já estava o pessoal da Câmara a limpar em torno da Praça de Toiros, e desse ponto de vista correu bem. Infelizmente, a noite depois acabaria por vir a ter aquele acontecimento, mas até aí estava tudo a correr bastante bem. Há uma forte presença da G.N.R. São cerca de 270 militares envolvidos na segurança da Festa durante o decorrer da mesma. Na Tarde do Fogareiro, muitas vezes se colocam questões de segurança. Na verdade é que do ponto de vista da segurança pública, de pessoas e bens, a G.N.R. tem uma presença constante, faz circuitos sucessivos na Avenida, passando, acalmando os ânimos e intervindo quando necessário. Até nesse aspeto este ano foi bom, não foi necessária nenhuma intervenção mais musculada, como já aconteceu em um ou outro ano. Está marcada uma reunião com o comando da G.N.R., do Destacamento e do Posto, para fazer o balanço da Festa. Todos os anos procuram aprender com o que acontece e ver o que se pode melhorar, e naturalmente há a consciência de que há questões que podem ser melhoradas e sempre aspetos que podem ter outro tipo de ação, e todos os anos procuram que isso aconteça, procuram ir ao encontro do objetivo de proporcionar uma Festa que permita que as centenas de milhares de pessoas, que ao fim dos 10 dias se somam, venham em segurança, e voltem no ano seguinte. É esse o objetivo. Para a Câmara é uma grande satisfação ter este objetivo atingido, que a Festa continue a ser um evento com esta projeção local, regional e até nacional. Mais considerou devido um agradecimento à Comissão de Festas, que são um grupo reduzido de pessoas, que de forma inteiramente voluntária, sem qualquer remuneração e sem qualquer outro ganho que não seja terem trabalho e preocupações, se dispõem a organizar e a ter uma ação preponderante na organização das Festas. Deixa, portanto, publicamente o seu agradecimento, concluiu.

De seguida o Sr. Presidente deu a palavra aos senhores vereadores que manifestaram esse interesse.

Sr. Vereador Carlos Albino – Não querendo versar muito sobre o tema até porque sendo uma tragédia, e o nome tragédia por si só, resume bem o facto, só quis no que respeita às Festas e especificamente às Festas notar uma coisa: Não quis criticar as Festas porque considera-as importantes para o Concelho, para a vivência, cultura, dinamização, a atração de pessoas, mas enquanto autarcas, enquanto pessoas que vivem o Concelho, achou que deviam e tinham a obrigação de refletir sobre a questão. Referiu aquilo que foi ouvindo, das pessoas que nos visitaram, existam ou não existam razões formais para que isso assim o seja, o que é certo, é que se começou a sentir um certo sentimento de insegurança ou de preocupação quando nos visitam. E acrescentou e para não utilizar o termo vender, porque entre camaradas, ou seja, na reunião são substancialmente mais partidos de esquerda, disse então partilhar. Partilhou então da mesma forma que partilharam consigo. Uma queixa de pessoas que vieram assistir ao espetáculo da Bárbara Bandeira que coincidiu na noite do dia da Tarde do Fogareiro, e que referiram que encontraram uma quantidade significativa, segundo as palavras das próprias, de pessoas altamente alcoolizadas ao pé de miúdos que queriam ver o espetáculo. Ou seja, eram dois públicos com vivências da Festa distintas, considerando que não era essa imagem que se quer passar para os pais que acompanham os seus filhos e querem tirar o melhor proveito da Festa - a convivência com pessoas altamente alcoolizadas, situação que certamente será potenciada pela Tarde do Fogareiro. Quis dizer com isto, as próprias referências, ao longo do discurso de que este ano não houve intervenção, ou seja, a dar a entender que noutros anos tem havido intervenção de carga policial, que este ano não houve muitos distúrbios, a dar a entender, pronto, aqui e ali é o normal, tem sido com alguma frequência que tem havido distúrbios, e uma rápida pesquisa nas páginas da internet e não ligadas a nenhuma força política, a referência em 2017 um jovem foi esfaqueado, em 2017 também duas pessoas (e eu estava nas Festas), duas pessoas baleadas, este ano um atropelamento; em 2014, um agente da PSP que se encontrava de folga, ao tentar separar uma briga também foi esfaqueado na Tarde do Fogareiro. Convidou todos a refletir sobre aquilo que estiver ao alcance de todos para melhorar e que os deve chamar a fazer um esforço conjunto entre todos, com aquilo que cada um conseguir contribuir no sentido de melhorar porque certamente querem passar o que de melhor há - e o que de melhor há não é aquilo que apareceu na comunicação social. Considerou que o que tem aparecido na comunicação social não reflete aquilo que melhor existe no Concelho da Moita, o que



melhor tem para oferecer. Comentou que devem pensar em estratégias de serem as coisas boas que terão de passar e as coisas más não deverão acontecer e deverão tanto quanto possível acabar por cair no esquecimento a favor das coisas boas. Em relação às Festas era o que eu queria colocar. E lamentar o trágico, a tragédia (passo o pleonismo), que aconteceu, e a todos deixou consternados.

Sr.<sup>a</sup> Vereadora Filomena Nunes – Pretendeu dar uma resposta, se é que é possível, ou uma solidariedade se é que é possível ter solidariedade, para quem passa aqueles dez dias das Festas, com o barulho à porta de casa. Colocou que vive bem longe do centro, mais precisamente ao pé da Rotunda do Touro, e usando uma frase que aprendeu no Rosário, com os homens do rio, *quando o vento está de feição, o barulho também chega lá a casa*, portanto é normal. Mas a verdade é que afirmou estar quase há meio século nesta terra, que acabou por adotar como uma das suas (não foi bem aqui que nasceu, mas foi a terra que adotou), e a verdade é que este meio século lhe disse que uns anos mais, uns anos menos, a primeira coisa que aprendeu, em 1975/76, foi que são dias completamente anómalos, mas isso não tira toda a solidariedade que possa ter para quem consegue, viver aqui. Aliás, pareceu-lhe que, e o Presidente certamente não ficaria zangado consigo, como parte deste órgão que é a Câmara Municipal, porque já tinham efetivamente, sem faltar à verdade, já tinham refletido a cacofonia que existe, pelo menos no Largo, e um conjunto de estabelecimentos comerciais que fazem isso. Não pode, porém, deixar de dizer, que esta é talvez, uma das questões que podiam, se lhe permitem, “tentar disciplinar”. Podiam, juntamente com a Comissão de Festas, que é verdade, fez um trabalho, tem feito um trabalho louvável, meritório, obviamente que suportado também pela Câmara Municipal, mas se calhar considerou que teria que haver alguma rotatividade, mas são coisas que se aprendem. Portanto toda a sua solidariedade. Em relação ao resto da análise que o Presidente fez, esteve de certa forma, na sua quase totalidade de acordo, mas há uma coisa que lhe pareceu que também é consensual a todos da Vereação, e o Presidente como órgão independente que é, a Tarde do Fogareiro, não é a Tarde do Fogareiro em si, é a presença das pessoas, a euforia da Festa, propicia demasiados excessos. Em relação ao resto, coibiu-se de comentar até porque, considerou, iniciar o ano letivo com a bandeira a meia haste não é agradável para ninguém.

Sr. Vereador Luís Nascimento – Reportando-se à última reunião realizada, durante o decorrer da Festa, recordou ter abordado algumas questões sobre a mesma, na referida reunião, privada. Ficou visto serem transpostas para após o término da Festa e como tal gostaria de as referir. Em primeiro lugar colocou que de facto houve muito menos problemas, não houve algumas questões que é necessário que sejam entendidas. O relatório da G.N.R. atestou cerca de 22 detenções, julgando que eram 18 por posse de estupefaciente, 1 por condução sem carta, 1 por condução com excesso de álcool, 2 ou 3 por porte de armas e 1 por homicídio. No total eram 22 detenções. Perante os milhares de pessoas que estiveram na Festa não é um número alarmante, apesar de alguns jornais os terem colocado na primeira página e diabolizado a questão. Qualquer Festival de verão, que dura 3 dias e não 10 dias, tem muito mais do que isso. Há que perceber que estiveram na Moita milhares de pessoas e como tal não são números alarmantes.

Relativamente à Tarde do Fogareiro, naturalmente é uma tarde onde é consumido bastante álcool, mas nesse aspeto até felicitou a Comissão de Festas pela escolha da artista nessa noite, a Bárbara Bandeira, uma artista para públicos mais jovens e que também auxiliava a acalmar um pouco alguns ânimos. Se fosse outro tipo de artista poderia ser pior. Podem alegar que a escolha da artista fez misturar público jovem com pessoas alcoolizadas, naturalmente são questões que acontecem.

A trágica noite de sexta-feira, e o homicídio que ocorreu, marca e preocupa todos, não havendo muito que se possa dizer sobre a questão. Este homicídio não tem uma relação totalmente direta com a Festa, mas com uma pessoa que deve ter algum transtorno, sendo a única explicação que se encontra.

Por fim colocou um assunto que já foi abordado pelo público, a questão da Rua 5 de Outubro. As Festas dependem diretamente do Presidente, tendo o Vereador das Atividades Económicas, também contactado com os comerciantes da referida Rua. Algum tempo antes do início da Festa e em conversa com o Chefe de Gabinete do Sr. Presidente, referia que a Comissão de Festas iria ter um problema grave porque não são comerciantes fáceis. A serem, referiu que o mais simples seria a existência de um único palco, uma única música – combinavam, uns dias punha um a música, e outros dias punha outro, e terminavam com aquela cacofonia de música de um lado, música do outro. Depois, o sujeito

que está de um lado quer que a música dele soe mais alto que o sujeito que está do outro lado, e às tantas, põem todos a música tão alto que já ninguém que está ali no meio consegue lá estar. Um único palco e eles combinavam entre eles o dia. A própria ocupação de espaço, uma única esplanada, onde todas as pessoas pudessem usar as várias mesas, à semelhança do que se usa nos centros comerciais, na zona da restauração. É fácil de dizer para quem desconhece aqueles comerciantes. O problema é fazer com que eles entrem de acordo em partilhar um palco, e o DJ de um, toca num dia, e o de outro no outro, concordar em partilhar as mesas e quem está a consumir a comida de um estabelecimento estar sentado junto a quem está a consumir a de outro, não é simples. Se disserem que é uma questão que tem de ser resolvida, na verdade tem. Se perguntarem objetivamente se a Comissão de Festas tem grande margem de manobra, e conhecendo bem o problema (não devido à Comissão de Festas, porque as Festas dependem diretamente do Sr. Presidente), devido ao dia a dia daqueles comerciantes, e ao contacto que tem, em virtude de ser responsável pelo Pelouro das Atividade Económicas, que o leva a estar permanentemente em contato com os vários comerciantes da terra, reconhece não ser um trabalho fácil para a Comissão de Festas porque alguns deles são pessoas naturalmente complicadas. Mas é necessário fazer este trabalho. Referiu que os estabelecimentos da Rua 5 de Outubro, é um dos sítios onde costuma parar, para fazer uma refeição após as corridas de toiros, e constatou que o som entre os vários bares não se aguentava muito tempo. Se não se consegue como cliente, imagine-se para quem lá vive. O problema terá de ser resolvido. Não sabe se a Comissão de Festas, que poderá não ser a mesma no próximo ano, tem algum plano, mas terá de lhes ser dada alguma ajuda para resolverem a situação.

Sr. Vereador Joaquim Raminhos – Relativamente à Festa da Moita, considerou-a um acontecimento importante no contexto deste tipo de Festas porque é uma das Festas que atinge uma dimensão que ultrapassa todas as outras na região, e será mesmo uma referência a nível nacional. Tem uma diversidade de acontecimentos que do ponto de vista sociológico envolve muitas variantes. Existem aspetos sociais, de convívio, outros mais de divertimento, no entanto atinge uma dimensão humana muito forte. Quanto ao que foi referido, apesar da dimensão, diversidade e grandiosidade do que acontece, está de acordo e pensa que tem havido um esforço da parte da Comissão de Festas e de todas as entidades que estão relacionadas com a segurança de tudo o que acontece, é sempre um problema que se tem de acautelar, com os milhares de pessoas que já se referiu que se juntam num curto espaço de tempo, correm-se riscos de haver outras situações que podem tornar-se situações de maior agressividade, maior violência.

Considerou que a questão colocada pelo município é um alerta que fica sempre de um ano para o seguinte, compete à Câmara que haja cuidado nos excessos. Pode haver animação, música ao vivo, mas tem que haver cuidado, nomeadamente nos decibéis das aparelhagens, no horário, acreditando que existem noites em que ninguém dorme, porque devem existir pessoas nas ruas até quase de manhã. Considerou que deve ficar registada a nota de que se deve dar continuidade ao cuidado com os excessos. A Tarde do Fogareiro é um exemplo de uma iniciativa que (recordando o primeiro ano), começou de uma forma mais suave e provavelmente todos estavam longe de pensar como é que a Tarde do Fogareiro acabaria por desaguar naquela grande massa humana que enche a Avenida - num curto espaço de terreno, junta-se muita gente e acaba sempre por haver muitos excessos. Muita bebida consumida naquele período. Daí a parte de reforçar os excessos. A questão levantada deve merecer um ponto de reflexão, e mesmo como se disse, os comerciantes que por vezes utilizam certas aparelhagens, mesmo sendo difíceis de relação, há que acautelar e provavelmente falar com eles previamente e mostrar-lhes as regras que possam vir a existir para controlar algum desse excesso para que todos sejam respeitados, inclusive os municípios que vivem na referida zona da Festa. Lamentou também, tal como já foi referido, o triste acontecimento ocorrido - aconteceu aqui, como poderia ter sucedido num local qualquer, noutra momento e não no que sucedeu, mas acabou por ensombrar a Festa - porque a comunicação social, apesar de todo o programa existente ao longo dos dez dias, só referiu aquela questão.

Sr. Vereador Luís Chula – Fez alguns comentários à Festa da sua terra e iniciou a intervenção com vários agradecimentos: - A Comissão de Festas, que já foi mencionada; quis também deixar um grande agradecimento aos trabalhadores da Câmara Municipal, tendo considerado um esforço enorme, que durante várias semanas têm de fazer trabalhos que são, de alguma forma até penosos. As “tronqueiras” são pesadas e têm que se pôr e têm que se tirar e é de facto um esforço permanente, porque enquanto os outros estão na Festa, alguns têm que trabalhar; é muito difícil mobilizar quem quer que seja durante os dias da Festa. Na Moita, as pessoas desligam de tudo, e é a Festa, é a Festa. Há outros que não o podem fazer, porque estão em serviço, estão em trabalho. E para além dos trabalhadores, fez um agradecimento muito grande aos Bombeiros Voluntários da Moita, que têm uma atividade permanente durante todo o tempo em que dura a Festa. E naturalmente também à G.N.R., sobretudo pela organização que percebeu terem este ano, em que não fez uma demonstração de força mostrando as suas forças especiais, mas mostrou presença das suas forças normais, dos militares normais, nomeadamente na Tarde do Fogareiro. Teve a preocupação de, por razões que naturalmente se prendem com as suas funções de Vereador da Proteção Civil, ter alguma perceção de como é que as coisas funcionam, e este ano fez um périplo pela Avenida e foi ver como é que as coisas estavam, e quanto à G.N.R, encontrou diversas brigadas, com as suas fardas normais, a percorrerem o local, calmamente; paravam em determinados sítios, mostravam-se e isso era muito importante para causar um ambiente de tranquilidade. Já que pegou na questão da tranquilidade, continuou, e na questão da Tarde do Fogareiro em que referiu que a presença da G.N.R. não chocava ninguém, salientou também que esta é uma tarde de muita preocupação e aquilo que viu nas Redes Sociais (considerando que não podiam ficar imunes ao contato das Redes Sociais por ser ali que as pessoas se manifestam, hoje em dia, de uma forma mais aberta), foi a expressão “barril de pólvora”, e isto de facto é uma preocupação sobre a qual achou que todos têm que meditar, todos na Câmara se devem preocupar e ver o que é que podem fazer, sabendo, e julgando, melhor dizendo, que se pode fazer muito pouco em termos de manter algumas das teorias da segurança; pode-se fazer muito pouco, mas têm que pensar de facto na questão. Há muita bebida e há também muita alegria, muita confraternização naquela tarde, isso para além de ser um cartaz que já ultrapassa imenso as famílias da terra e do Concelho, para além disso têm de encontrar aí saídas e soluções para poder garantir uma maior tranquilidade às pessoas que por ali andam. Entretanto também quis salientar e saudar, sobretudo saudar, porque não conhecia e este ano fez uma visita com o coordenador da Proteção Civil ao Posto de Socorros que está instalado no Pavilhão Municipal de Desportos e ficou extraordinariamente bem impressionado, porque não pensava que as coisas funcionassem daquela forma. E aquilo que não tinha ideia é que de facto existem ali um conjunto de profissionais que estão muito vocacionados para a questão dos traumas ocasionados pelas lides dos touros, mas que também estiveram presentes durante a Tarde do Fogareiro. Assim, reafirmou ter ficado bem impressionado e saudou a contratação da equipa dos “Anjos da Noite”, como disse o Vereador Luís Nascimento. Entretanto, dos fatores mais negativos cujos sinais lhe foram chegando, o mais impactante tem que ver com a questão do ruído no Largo. Não é só a Rua 5 de Outubro. É na Praça da República toda. E, referiu ser do tempo em que vinham as famílias para as esplanadas da Praça da República para confraternizar durante a Festa, para estarem aqui os pais enquanto os filhos iam crescendo, iam tendo autonomia para ir até à Feira e os pais estavam por perto. Era um local de encontro, era um local de convívio, eram dias, ou melhor dizendo, aí nesse caso, noites de Festa. E a realidade é que as pessoas, sobretudo as da sua geração já não suportam ficar à noite no local. É impossível. O nível de ruído é tanto que afasta as famílias da Moita do seu centro de convívio, do seu local da Festa, a razão para o qual também, e principalmente, julgou que estas Festas foram criadas. E isto obriga a que enquanto responsáveis tenham que encontrar uma saída e uma resposta, pese embora satisfaça ou não aos comerciantes, que referiu respeitar muito. A sua família era de comerciantes. Respeita-os mas não podem é enxotar com as pessoas que querem ficar no local, querem também consumir nos seus estabelecimentos e são enxotados para fora. Ora, é facto que as Festas evoluem. Não pondera que estejam a fazer e a configurar Festas ao tempo em que tinha 20, 30 anos, ou menos. De forma alguma. As coisas evoluem. Hoje há outros públicos, há outros consumos. Hoje as pessoas têm outras necessidades para satisfazer, para além da cerveja e do café. Têm outros tipos de produtos que vão adquirindo na Rua 5 de Outubro, porque durante as refeições, durante o

período das refeições, aquilo está mais ou menos calmo. A coisa transtorna-se toda é para aí a partir das onze da noite, meia-noite em que é insuportável. E o facto de o Sr. Paulo Gromicho estar a sentir o ruído porque vive na Rua 5 de Outubro, não é o único, porque há pessoas que não vivem na Rua 5 de Outubro e que não vivem sequer no perímetro original das Festas, que ouvem o mesmo ruído e não é preciso ventos favoráveis. Considerou que até às 4 de manhã, até às 5 da manhã, “estar a bombar” da maneira que o fizeram, não corresponde ao que deveriam ser as Festas. Há que encontrar um modelo, que encontrar uma saída, uma solução que satisfaça de facto os diversos públicos, mas que não expulse alguns que não estão para aturar o ruído em dose excessiva. Aquilo que o Vereador Luís Nascimento referiu e que já tinham falado na reunião privada da quarta-feira, dia 12, pode efetivamente ser uma solução. Pode a Comissão de Festas chamar a si o som da Festa, o som da Rua 5 de Outubro e relativamente aos comerciantes, é o que há. Tem que ser assim, porque não podem também só fazer o que eles querem. Mais uma vez referiu respeitar imenso a atividade comercial, inclusive porque os seus pais tinham um estabelecimento, uma pastelaria. Naquela altura era até às 2 da manhã, 3 da manhã, nos dias de Festa, a vender bolas de Berlim. Por isso, é assim. Há que pensar nisto e terá que ser um trabalho de colaboração, como noutras áreas, entre a Câmara - que são todos os presentes -, os comerciantes e a Comissão de Festas. Quis deixar também uma referência ao trágico acontecimento e lamentar imenso o que aconteceu à jovem. Deixou também, como já havia feito noutra âmbito, umas palavras de conforto para a família.

Sr. Vereador Luís Nascimento – Como houve referência às Redes Sociais, e não só às Redes Sociais, chegou mesmo (segundo julga), a dar entrada uma queixa de que houve um touro morto à paulada, numa das largadas. Assim, salientou, achar importante que a Comissão de Festas - mas para tal terão de ser avisados -, faça sair um desmentido. Todas as pessoas da Moita sabem que não é possível um homem matar um touro à paulada. Mas existem pessoas que lançam este tipo de boatos e parece que chegou mesmo a dar entrada uma queixa. É estranho que pessoas de outros sítios do país, que não conhecem muito bem as questões relacionadas com os touros, do Norte, por exemplo, pensem que de facto se matou na Moita, durante a Festa, um touro à paulada. Há certos boatos criados nas Redes Sociais e que de facto carecem de ser desmentidos. O que aconteceu foi que houve um touro que “desenquadrilhou”, o que acontece; nesta situação, aconteceu quando bateu contra a tronqueira. Considerou importante que se desmentisse que alguém matou um touro à paulada, até porque se existem pessoas que gostam de touros, são exatamente os aficionados da Moita. Na sua opinião gostam mais de touros que as pessoas do PAN e dessas organizações que defendem ou dizem que defendem os touros. Surgir um boato de que se matam touros à paulada na Moita, foi algo que lhe desagradou e convinha que alguém fizesse um desmentido da questão, na sua opinião.

Sr. Vereador Miguel Canudo – Leu alguns títulos de notícias de meios de comunicação social relacionados com Festas em outros Concelhos, onde também eram apontados aspetos relativos a situações onde houve atuação das forças de segurança. Referiu que quem conhece a organização da Festa da Moita sabe que a Comissão de Festas é eleita por 4 anos, é como o Mandato. A Comissão de Festas reúne todas as segundas-feiras a partir de janeiro, até à realização das Festas. A primeira realiza-se em Maio. Organiza a Feira de Maio, planeia, programa, fala sobre segurança. Na Feira de Maio por regra, não acontece nada, pelo menos que se saiba e a Feira corre conforme o tempo: se estiver sol é excelente, se chover é mais ou menos. Entretanto já começaram a preparar a Festa de setembro, já foram trabalhando nela. A generalidade das pessoas podem não saber, mas é importante ouvir, uma vez que se trata de uma reunião pública e a tratar das Festas da Moita, que são as Festas do Concelho, não as Festas da Freguesia da Moita, mas do Concelho da Moita, que já duram há mais de 350 anos, segundo o que está registado. A Comissão de Festas, como responsável que é, avalia todas as vertentes da Festa. As Festas da Moita são programadas para todos os públicos, juventude, crianças, mais idosos, menos idosos. Tem espetáculos para todos. Organiza a Praça da República de forma a pensar nos frequentadores da Praça da República, e a prova disso é que este ano tiveram uma iniciativa de tributo aos ABBA, que esteve repleta de gente. Posteriormente a Festa, a determinada altura tem de ser

direcionada e é programada para outro público e esse público não tem o direito de prejudicar os outros. Entrando diretamente na Praça da República, na Rua 5 de Outubro, este ano havia um local que era um local de conflito e que não houve nenhum conflito, porque a Comissão de Festas reúne com os comerciantes, prepara, fala com eles, adverte. No entanto existem coisas que não se conseguem controlar. Para quem conhece um pouco a política de massas sabe que estas podem ser incontroláveis. Pode existir um excelente plano de segurança no papel, com um corredor para os bombeiros, um corredor para passar a G.N.R., outro para passar a ambulância, outro para passar o Presidente da Câmara, mas não resultar. É bom que esteja no papel mas depois na prática, o controlo das massas, controlar as pessoas, é o trabalho que a Comissão de Festas tem permanentemente. Se tem o som alto, dizer para desligar o som porque está alto e não pode ser, há que baixar o som. É algo que não é notado pelo geral das pessoas. Mas dividem-se todos, têm essa capacidade de organização e vão ter com o dono do Campino, a dizer-lhe que o som não pode estar com um volume tão elevado, e o Sr. como respeita, baixa o volume. Mas o membro da Comissão de Festas sai, e a pessoa que lá está “a pôr o som”, aumenta o volume e depois sofre quem reside no local, e outros - por exemplo quem está no café a tentar falar com a família e não consegue. Por muito que nas reuniões se fale do que é necessário, tudo isso já foi falado e ao pormenor. São feitas reuniões de preparação com a G.N.R., com os bombeiros. O problema é o controlo, depois, de tudo - é dar o nó a quem coloca o som porque o maior problema na Rua 5 de Outubro é o barulho, que este ano foi infernal. Por exemplo, o “Traga a Tua”, que este ano se falou com o proprietário, houve menos barulho. Controla-se indo lá e falando com o dono. É uma das funções da Comissão de Festas. Este ano não houve mortes de pessoas com os touros. Infelizmente o que aconteceu foi um assassinato, foi um ato terrorista. Uma pessoa que entra num carro, ultrapassa barreiras de proteção e passa pelo local adentro, é um ato que ninguém podia prever que ia acontecer. Todos lamentam a morte. Este ano existiram barreiras de segurança na Marginal porque a questão foi falada com a G.N.R., como se iria fazer, como passariam os autocarros. Arranjaram-se as soluções. As Festas são bem preparadas. Não é possível alguém controlar o álcool. A Festa da Moita é uma maravilha, são 10 dias maravilhosos. Um espetáculo de Festas, de convívio, porém têm um senão - os habitantes da Rua 5 de Outubro e da Avenida nem querem ouvir falar das Festas. Vivem a Festa, mas consideram que esta à meia-noite deveria terminar. Mostrou-se solidário com o munícipe que colocou a questão do ruído, porque todos os anos se fala na questão, e tem que haver uma medida relativamente ao som, está de acordo. Os conflitos existem. Percalços nas Festas acontecem em todo o lado, em Cuba, em Ferreira do Alentejo, no Porto, em todo o lado. Problemas sempre existiram. A Comissão de Festas está presente para resolver os problemas e vai ouvindo. Certamente as Festas, no ano de 2019, irão melhorar em certos aspetos, mas provavelmente acontecerá algo noutros, porque não se controla tudo. A questão do som tem que ser resolvida, na sua opinião de vez, porque o ruído é exagerado.

Por fim, informou que os trabalhadores da Câmara a trabalhar na Festa, são 150. Não só nos 10 dias, porque começam antes com a preparação da Festa e terminam depois do último dia e do Fogo-de-artifício. A questão é de facto para valorizar o trabalho das pessoas, destes trabalhadores o que não escapa ao Executivo. Fala-se com eles e eles não estão cansados porque gostam das suas Festas. Gostam das Festas da Moita, de montar as Festas na Baixa da Banheira, gostam de montar as Festas no Vale da Amoreira. Eles trabalham nisto com gosto porque sabem que o que estão a fazer é para a população. Estão a trabalhar para os munícipes que têm o direito de viver as Festas. Não têm o direito de sofrer com as Festas.

Sr. Presidente – Acrescentou, sobre as Festas, saber que as mesmas incomodam muita gente. E por vezes, mais outras pessoas do que propriamente os moradores. Existem outros que se sentem mais incomodados, porque existe quem se incomode com os sucessos. Objetivamente os sucessos, nomeadamente das iniciativas promovidas pela Câmara, incomodam sempre algumas pessoas. Mas o que o incomoda a si, mais, é que existem distinções diferentes, diferenciações que não entende. Nomeadamente como é que alguém vê uma catástrofe iminente numa Tarde do Fogareiro sabendo-se que qualquer bairro de Lisboa na Noite de Santo António tem o dobro das pessoas; que no Rock in Rio estão 80 mil pessoas num espaço limitado; que no São João do Porto as pessoas não se conseguem

mexer; o mesmo acontece na saída de um estádio e em nenhum desses locais aconteceu nenhuma catástrofe. Existem as medidas de segurança que também se tomam na Festa da Moita. Existem forças de segurança, existem acessos programados, existe prevenção dos bombeiros, serviços médicos, e de saúde, nesses locais, como na Moita. A prova de que corre bem é que a Tarde do Fogareiro tem 16 anos e nunca houve nenhum incidente. Houve uma intervenção mais musculada, há três anos, em que entrou a tropa de choque da G.N.R e apanhou 2 ou 3 pessoas que estavam a provocar distúrbios. Mas no meio de tudo são incidentes que se podem considerar “insignificantes”. Não é um incidente desta natureza que ocorreu uma vez, em 16 anos, que define o que é a Tarde do Fogareiro.

Esta *tarde* é um evento onde efetivamente se bebe muito, mas já viu beber-se mais em queimas de fitas de estudantes: - Os futuros doutores e administradores das grandes empresas nacionais bebem mais. Não se deve dar a isso mais importância do que aquela que efetivamente tem. São os tempos que correm, os consumos de cerveja são muito elevados, na Moita, como em outras situações. Aquilo que é responsabilidade da Câmara fazer é tomar as medidas necessárias para que as condições de segurança máximas possíveis de tomar sejam tomadas - o que tem sido feito - e a prova disso é que não têm existido problemas relevantes.

Sobre as outras questões colocadas e os problemas que objetivamente existem e são conhecidos, pontos nodais das Festas que têm um ou outro problema, este ano cresceram no que respeita ao ruído na zona da Praça da República e da Rua 5 de Outubro (houve várias situações e até mais, e referiu os nomes, porque são conhecidos de todos). Existiram problemas com o som e com alguma perturbação no *Mau Maria*; é sabido que este ano houve problemas com o som excessivamente elevado, sendo esse novo, foi a primeira vez, no *Grupo Tauromáquico*; sabemos que junto ao *Campino* há sempre também alguns problemas de som; sabemos que entre o Restaurante *O Cantinho* e *O Moitense* há uma situação de conflito latente com os fogareiros e a esplanada. Os problemas são conhecidos e sabem que nem todas as pessoas responsáveis por estes estabelecimentos têm mostrado grande disponibilidade para os resolver, antes pelo contrário, alguns têm ajudado a aprofundá-los e isso torna naturalmente a intervenção e a resolução das questões, mais complicadas também.

Mais, sugeri que se passasse a outros assuntos que pretendessem colocar ainda no âmbito do período antes da Ordem do Dia, porque sobre Festas já foi falado o bastante.

Sr.<sup>a</sup> Vereadora Filomena Ventura – Em primeiro lugar teceu um elogio (solicitou ao Sr. Presidente que lhe permitisse subscrever a intervenção do Vereador Miguel Canudo), aos 150 trabalhadores que montam durante todo o verão as festas que começaram nas freguesias e terminam na Festa da Moita. Referiu ter circulado na Rua Alexandre Sequeira, rua onde efetua as suas compras, e ouvir as pessoas comentarem com agrado a brigada que de manhã estava a limpar aquilo. Pareceu-lhe que é importante que chegue aos trabalhadores estas opiniões, até porque sabe que nestas alturas em que há um excesso de trabalho, tal como o Sr. Vereador Miguel Canudo afirmou e com razão, na sua opinião, os trabalhadores fazem-no com gosto, mas não deixa de ser um excesso de trabalho. Os trabalhadores, por exemplo dos contratos de inserção e dos estágios, não podem estar tão disponíveis como os outros. Pareceu-lhe que esta é a altura de ficar registado um agradecimento, porque provavelmente é importante. Mas isso não impediu que quisesse ser esclarecida acerca de algo: - Sabendo que por muitos óculos de segurança e luvas que existam, um trabalhador que está, com este calor, a laborar, por vezes facilita e não os coloca. Referiu que na terça-feira, quando se deslocou para a Câmara, a pé, viu que estavam a podar uns arbustos, junto à Sede do Chinquilho “A Vontade do Povo”; passou, disse bom dia, mas constatou que o trabalhador não tinha os óculos de segurança, não tinha aquelas seguranças que evitam os acidentes, (embora esteja consciente que também muitas das vezes os trabalhadores facilitam porque nem se lembram e querem é fazer as coisas). A sua questão era a seguinte: tentar chamar a atenção, porque sabe que eles de certeza absoluta que têm os equipamentos, tentar chamar a atenção e verificar isso, e se calhar reforçar um bocadinho mais algumas sensibilizações no âmbito da Higiene e Segurança, que sabe que são feitas, mas reforçá-las. Porque isto incomodou-a um bocadinho, embora saiba que por muito que se diga, há trabalhadores que não põem os óculos, não põem as luvas.

Sr. Vereador Joaquim Raminhos – Colocou questões relacionadas com património histórico, uma vez que este ano ainda está a decorrer o ano Europeu do Património e como a sua profissão também é relacionada com a Educação e tem sido contactado por alguns colegas seus interessados no património histórico, levantou algumas questões relacionadas por exemplo, com as reservas arqueológicas que têm, que são bastante importantes no Concelho, e estão sediadas na Capela de São Sebastião. Há dias foi interrogado e disse que levantaria a questão na reunião de Câmara e como tal colocou as seguintes perguntas:

- As reservas arqueológicas atualmente estão em condições de serem visitáveis, por exemplo se algumas Escolas pretenderem solicitar algumas visitas a estas reservas, se está programado por exemplo, desde que “tomou conta” das reservas, estarem no sítio próprio que estão, alguma exposição destes materiais em termos públicos?

- O Concelho da Moita, na área da arqueologia tem sido obra de várias intervenções e escavações, com vários achados, recordando-se do moinho do Rosário, junto a Alhos Vedros, e também da Cadeia de Alhos Vedros. Se existe uma carta arqueológica do Concelho, com uma sinalética dos referidos achados. Se está previsto, considerando que ajudava a dar mais conhecimento à vertente arqueológica do Concelho da Moita, que considerou importante e que por vezes as pessoas que tentam conhecer têm alguma dificuldade.

- Quanto à classificação das zonas históricas do Concelho, sabe que estão delimitadas num trabalho que em tempos foi feito pela Câmara, e quando o questionaram sobre o assunto respondeu que as zonas estavam delimitadas, nomeadamente a zona histórica de Alhos Vedros e da Moita. Mas questionaram-no se estavam classificadas. Se não estão, em que medida é que deverá ser feito um esforço nesse sentido, porque se as zonas históricas fossem classificadas (e têm duas muito significativas, a de Alhos Vedros e a da Moita, mas existem outras no Concelho, que poderiam também ajudar a valorizar este património, e não o deixar descaracterizar), seria uma mais-valia para o Concelho em termos de preservação do património histórico-cultural.

Sr. Vereador Carlos Albino – Concordou e subscreveu aquilo que o Vereador Raminhos disse uma vez que camaradas seus, na Assembleia de Freguesia da Baixa da Banheira, também já tiveram oportunidade de referir essa mesma necessidade. Houve, e foi demonstrada abertura de lá se começar a trabalhar nesse sentido. Mas o que faz sentido, na sua opinião, é uma visão mais abrangente de todo o Concelho, até porque se querem que a Moita possa ser um lugar que os turistas venham visitar têm que ter coisas para poder também mostrar e para também valorizar o Concelho.

Mais, deixou uma nota que soube através das redes sociais, e depois pode constatar no local, que a Praceta dos Crisântemos, no Vale da Amoreira, apresenta sinais de que necessita ser limpa com mais frequência. Falando com alguns dos moradores ali presentes pôde aperceber-se, pelo que eles disseram, que a limpeza, pelo menos de uma parte da Praceta está a ser feita pelos próprios. Vão-se revezando. No início da semana limpa um, no final da semana limpa outro, mas devido a situações de falta de iluminação, algumas pessoas que ali se juntam (também propiciado por essa falta de iluminação), deitam lixo para o chão, e porque não existe ali nenhuma papeleira os moradores improvisaram um balde onde convidam as pessoas a deitar o lixo que depois é por eles despejado. Apelou a uma atenção especial da Câmara Municipal nesse sentido. E referiu também que naquela zona existem alguns animais errantes, que por ali proliferam, nomeadamente gatos. Referiu também a existência de baratas que saem de uma sarjeta e solicitou à Edilidade que tome nota dessas situações, e considerando os meios disponíveis, que tenha ali uma atuação no sentido de suprir essas necessidades.

Depois, mencionou que sempre que passa pelo Parque José Afonso, na Baixa da Banheira, algumas pessoas que conhece, e amigas daquelas e de uma idade mais avançada, alertaram-no para o facto de que os bancos e o mobiliário urbano do Parque José Afonso, não permitem o conforto para essas pessoas; alguns bancos não têm costas. Será de ter atenção quando se pensar, ou quando se pensar em rever, ou quando se pensar em substituir ou em reparar, tentar encontrar soluções que não descaracterizando aquilo que hoje existe de mobiliário urbano no Parque José Afonso, na Baixa da

Banheira, pensar então nas necessidades também dessas pessoas, uma vez que todos para lá caminham.

Depois, referiu também uma situação que diz já não ser nova, é uma situação já recorrente que vão ouvindo um pouco por todo o Concelho, que é a falta de iluminação: ou que as luzes se acendem tarde demais, ou de manhã deviam acender mais cedo, já para não falar de certas zonas do Concelho onde a iluminação é francamente insuficiente. Em conversas noutras reuniões teve oportunidade de chamar a atenção para o Sr. Presidente disso mesmo. A situação é um pouco por todo o Concelho. A pessoa que lhe suscitou esta intervenção, até se estaria a referir a Alhos Vedros, mas também referiu novamente a situação para o topo da Avenida José Almada Negreiros, que vai ligar à Vila Chã - naquela zona, embora já tenham sido cortadas as ervas do separador central, as bermas da rotunda (para cima), continuam por tratar, e à noite não tem qualquer tipo de iluminação. Por último, motivado pela intervenção do Sr. António Nunes, perguntou onde é possível consultar as zonas de intervenção dos guardas noturnos, e a quantidade de licenças que existem ou estão previstas, porque noutros Concelhos existem zonas definidas para atribuição de licenças e existem vagas abertas ou por preencher e existem regulamentos, e não encontrou nenhuma referência a isso no *site* da Câmara Municipal da Moita. Assumiu que pudesse ser uma falha sua, mas gostaria, dentro do possível, que o Sr. Presidente o elucidasse sobre essa matéria.

Sr. Vice – presidente – Respondendo às questões colocadas pelo Sr. Vereador Joaquim Raminhos, sobre as reservas arqueológicas e a possibilidade da visita pelas escolas, é entregue um folheto às escolas sobre os projetos educativos, o serviço educativo, anualmente, tal como também consta da página da internet uma indicação de marcação de visitas. É desta forma que poderá ser tratado. Neste momento está patente um trabalho feito por um grupo de arqueólogos, onde sistematiza todo o trabalho arqueológico do Concelho.

Sobre a carta arqueológica, é um trabalho que foi feito e apresentado o ano passado. Será apresentada, em livro, este ano, juntamente com todo o trabalho de sistematização até ao início da industrialização no Concelho, acrescentando a esses elementos, o património. Ou seja, foi um trabalho científico. Foi envolvido na apresentação o MAEDS que trabalha também com o Sr. Presidente, outros Municípios. Uma vez que foi apresentado no ano passado o que foi feito (e esteve presente o Coordenador dos Museus da Europa, que é português), aquilo que se vai propor é uma discussão, não só sobre aquilo que foi feito na Moita e está sistematizado e é um conhecimento científico, mas também o que as cartas adiantam ou não - adiantam, seja no Urbanismo, ou interferem, ou o que se pode fazer nas questões do território. Dia 13 de outubro, à tarde, na Biblioteca da Moita, todo o trabalho referido fica apresentado. A carta tem uma modalidade pedagógica, que era uma das preocupações e tem também uma outra componente que é a da sistematização que se falava, que é a divisão por freguesias, ou seja, há uma clara divisão e uma leitura fácil por freguesias, também como foi falado. Esse trabalho tem estado a ser feito de há algum tempo a esta parte, será apresentado e terão oportunidade de ver. Sobre a classificação das zonas históricas, o Sr. Presidente tem mais formação sobre a questão.

Sr. Presidente – Relativamente ao uso dos equipamentos de proteção, é uma sensibilização constante, como a Sr.<sup>a</sup> Vereadora Filomena Ventura disse e bem. Geralmente os trabalhadores não gostam de alguns dos equipamentos. Alguns são usados com mais regularidade, as luvas, as botas - todos usam as botas de proteção -, mas outros equipamentos mais incómodos como óculos ou como máscaras, (por exemplo, há máscaras distribuídas para todos os trabalhadores que trabalham no sector da recolha e noutros sectores, no sector do saneamento, do desentupimento de saneamento), os trabalhadores evitam, na medida do possível o seu uso, sendo que em algumas situações, para além de haver sempre uma sensibilização, há mesmo uma obrigação. Em trabalhos mais perigosos, não se permite que trabalhem sem óculos. Noutras situações, como por exemplo podar normalmente, as próprias chefias não obrigam porque há a consideração de que não são trabalhos perigosos, que obriguem ao uso de todos os equipamentos de proteção, capacetes, etc. No entanto, quando os trabalhadores estão no cimo das árvores com serras elétricas, trazem todo o equipamento, capacetes, arnês, óculos, porque nessas situações existe efetivamente perigo, aliás já aconteceram acidentes de



trabalho, de quedas por exemplo, em situações similares. Há um trabalho constante de sensibilização e de convencimento que nunca está completo, porque no dia em que se deixa de fazer, algumas pessoas deixam de usar.

Sobre a classificação das zonas históricas, classificação do ponto de vista de instrumento legal com restrições, designadamente aos usos do solo e às operações urbanas, só nas zonas associadas aos monumentos nacionais; que há, do Estado Português, através da Direção Geral do Património, zonas de proteção - existem em torno da Igreja Matriz de Alhos Vedros e do Pelourinho, existem em torno da Igreja Matriz da Moita e existem em torno da Capela da Nossa Senhora do Rosário. Crê que são estas as zonas classificadas. Desse ponto de vista, só essas zonas é que têm efetivamente um estatuto de classificação. O que existe, criado pelo Município, que se pode dizer que é também um estatuto de classificação mas que não tem a mesma natureza nem tem associado restrições, mas há uma identificação já realizada há alguns anos no âmbito do urbanismo dos núcleos antigos das diversas vilas, sendo uma classificação que é sobretudo instrumental, ou seja, é uma classificação que visa alertar, quer os particulares, quer os próprios serviços municipais de que ali qualquer operação urbanística tem de ter uma atenção especial porque se está num núcleo antigo e portanto há uma delimitação feita para os núcleos antigos de todas as vilas. A própria Baixa da Banheira tem um núcleo antigo definido. A antiguidade é sempre relativa. Ali não é de séculos, mas é de décadas e tem características que provavelmente a manterem-se as construções daqui por um século alguém as apreciará e a comentar “ Que construções tão interessantes do século XX.”, porque funciona assim. Para além disso, existe, já com outro tipo de importância, quando foram definidas as áreas de reabilitação urbana, que tiveram como núcleo central os núcleos antigos que já tinham sido delimitados anteriormente, mas alargados. Em todas as freguesias houve alargamento para se incluírem áreas que não sendo propriamente núcleos antigos, mas não deixam de ser áreas que necessitam já hoje de reabilitação e o que a ARU's permitem é esses incentivos fiscais, designadamente à reabilitação, e acesso a recursos de financiamento, designadamente o Portugal 2020 tem algumas linhas de funcionamento para a reabilitação, para além dos benefícios fiscais municipais que também estão consagrados no âmbito dessas áreas de reabilitação.

Em relação à questão do mobiliário urbano no Parque José Afonso, manifestou ser uma realidade. Foi uma opção, à época do projetista, uma opção semelhante à que na época tinha o Parque da Moita, aliás ainda antes, e outros Parques, que são os bancos sem costas. Na altura, na arquitetura como em quase tudo, também há modas e há épocas, e ali também houve. À medida que se vai fazendo, embora no essencial se vá procurando manter dentro do que está, mas à medida que se vá fazendo substituições e que o equipamento deixe de ser possível de reabilitar e seja mesmo possível substituir já existem outras opções, hoje em dia não se justificam opções daquelas.

A respeito da iluminação pública, disse estarem num processo que irá continuar e acentuar-se, de substituição da iluminação pública do Concelho, pelas novas luminárias, pelas novas tecnologias leds. Há alguns meses atrás aprovaram uma operação num financiamento recorrendo a um Programa Nacional de incentivo à substituição das luminárias antigas, pela tecnologia, que se traduziu numa substituição de cerca de 1400 luminárias. Já anteriormente tinham sido substituídas cerca de 500, o que faz com que atualmente cerca de 1/5 das luminárias do Concelho já sejam luminárias novas, led. Estão a preparar operações para fazer a substituição integral das luminárias de sódio. As de mercúrio parte-se do princípio que já terão sido todas substituídas porque era obrigação da EDP. Ficam as de sódio. Estão a preparar uma operação recorrendo também a programas que neste momento existem nesse âmbito, para se proceder à substituição do resto das luminárias existentes de vapor de sódio, por tecnologia led, e isso naturalmente traz um acréscimo de qualidade na iluminação muito significativo e traz também uma poupança muito significativa. Esta nova tecnologia poupa significativamente energia, poupa custos e é aliás na base dessa poupança que é possível e que está a começar a ocorrer um pouco por todo o País, os Municípios a recorrerem a operações de financiamento na base dessas poupanças que são possíveis de obter com a substituição, para financiar no imediato para substituição integral de todas as luminárias. Estão a ser feitos os estudos económicos para esse fim e nos próximos meses terão de se debruçar e deliberar sobre uma operação desta natureza. Quanto às horas em que se acende e se apaga a iluminação pública, explicou que em boa

parte do Concelho, não estão todas as fases de todos os postes, mas a outra parte do Concelho (à semelhança do resto do país), foi dotado dos denominados relógios astronómicos, ou seja, antigamente o comando da iluminação pública era feito através de células fotovoltaicas e, portanto, a intensidade da luz solar é que fazia com que acendesse ou apagasse. Isso era ineficiente, de acordo com os critérios dos técnicos, porque estava sujeito a muitos fatores que influenciavam, ou que não apagasse e ficasse aceso durante o dia, ou que acendesse cedo demais ou que apagasse cedo demais - várias situações desse tipo -, e a EDP evoluiu há cerca de uma década ou nem tanto, para substituir quase todas essas células pelos relógios astronómicos. São relógios que têm marcado o nascer e o pôr do sol, diariamente, e acionam a iluminação elétrica 20 minutos após o pôr do sol e apagam 20 minutos antes do nascer do sol todos os dias, o que implica que no verão quando há luz abundante, e não existe nebulosidade, não se nota porque estamos ainda na fase do crepúsculo quando a luz acende. Em dias de nebulosidade intensa em que está escuro por natureza, até de dia está escuro, faz com que a noite caia, se sinta que é já noite, seja muito escuro e a luz ainda não acendeu. É o método implantado atualmente e que é mais eficiente que o anterior, não sendo isento deste problema.

Sobre o guarda noturno, informou ter que averiguar. Recorda-se unicamente que só existe um guarda noturno a atuar no Concelho, não tendo memória de terem existido mais, e a sua zona de atuação (não sabendo exatamente os limites) referiu ser a zona central da Moita. Não lhe cabe, nem individualmente, nem como Presidente da Câmara, relativamente aos guardas noturnos colocar em causa o seu trabalho. A verdade é que são uma reminiscência do antigamente, sendo algo que aos poucos vai acabando até porque quem financia a sua atividade são os comerciantes e estes provavelmente hoje em dia sentem que já não se justifica terem esta atividade e cada vez, segundo as queixas do Sr. Nunes ao longo dos anos, cada vez tem menos clientes e daí que sinta dificuldades e o seu rendimento colocado em causa, e tem feito algumas propostas no sentido de a Câmara financiar, equipamento e não só, mas o entendimento da Câmara tem sido que não é esse o seu papel. À exceção do que está consagrado na Lei, existindo uma Lei que define ou regula esta atividade e dentro do que está na Lei, não considerando ir além do que está consagrado na Lei.

Sr. Vereador Luís Chula – Questionou se dependia da Câmara a licença a autorizar que o guarda noturno pudesse ir para a Baixa da Banheira e se existia algum impedimento.

Sr. Presidente – Esclareceu que o impedimento é o já referido. Como é que um guarda noturno exerce as suas funções guardando simultaneamente duas zonas distanciadas por 10 Km? Porque ao licenciarse, assume-se uma responsabilidade. Pode optar pela Baixa da Banheira: não colocam qualquer obstáculo a que apareça outro guarda noturno se tiver mercado para tal, não colocam nenhum obstáculo à sua atividade. Tem é que haver coerência e um guarda para duas localidades em simultâneo é que é difícil.

De seguida entrou-se no período da Ordem do Dia.

#### PERÍODO DA ORDEM DO DIA

As propostas abaixo transcritas foram apresentadas pelo Sr. Presidente.

#### 1. APROVAÇÃO DO INÍCIO DO PROCEDIMENTO DE ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO DOS CEMITÉRIOS DO MUNICÍPIO DA MOITA

“O Regulamento dos Cemitérios do Município da Moita na sua redação inicial foi aprovado pela Assembleia Municipal, por deliberação tomada em sessão de 05.12.2003 e alterado em 27.02.2004.

Atendendo às alterações introduzidas no Decreto-Lei n.º 411/98 de 30 de dezembro, pelos Decreto-Lei n.º 5/2000, de 29 de janeiro, Decreto-Lei n.º 138/2000, de 13 de julho, pela Lei n.º 30/2006, de 11 de julho, pelo Decreto-Lei n.º 109/2010, de 14 de outubro e pela Lei n.º 14/2016, de 09 de junho, bem como a adequação aos procedimentos dos serviços, trazida pela prática administrativa decorrente da aplicação das normas regulamentares, torna-se necessário atualizar o Regulamento dos Cemitérios do Município da Moita, procedendo-se à alteração de diversos artigos e à disciplina de novas situações, de tal forma que a dimensão e extensão das alterações demandam a elaboração de um novo Regulamento dos Cemitérios do Município da Moita.

Ademais, verificou-se na aplicação do atual regulamento, a existência de dúvidas, lacunas e omissões de difícil integração, aspetos que importa colmatar, carecendo de modificações regulamentares de modo a adequá-lo à atual realidade cemiterial.

Importa, pois, proceder à elaboração de um novo Regulamento dos Cemitérios do Município da Moita, com vista à concretização dos objetivos supra-descritos.

Em face do exposto, ao abrigo e nos termos do disposto no artigo 98.º do Código do Procedimento Administrativo aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 07 de janeiro, doravante designado por C.P.A., e da alínea k) do n.º 1 do artigo 33.º do Anexo I, à Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, propõe-se que a Câmara Municipal da Moita delibere:

- a) O início do procedimento de elaboração do projeto do Regulamento dos Cemitérios do Município da Moita, com vista à preparação de proposta para ser submetida aos órgãos competentes, garantindo no âmbito da elaboração do respetivo projeto de alteração:
  - i. A publicitação do início do procedimento na *Internet*, no sítio institucional do Município da Moita, nos termos do disposto no n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A.;
  - ii. A participação procedimental através da constituição como interessados a todos aqueles que, de acordo com o n.º 1, do artigo 68.º do C.P.A., sejam titulares de direitos, interesses legalmente protegidos, deveres, encargos, ónus ou sujeições no âmbito das decisões que nele forem ou possam ser tomadas, bem como as associações, para defender interesses coletivos ou proceder à defesa coletiva de interesses individuais dos seus associados que caibam no âmbito dos respetivos fins, nos termos do disposto no n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A.;
  - iii. A participação procedimental através da apresentação de contributos para a elaboração do projeto de alteração do Regulamento de Cemitérios do Município da Moita nos termos do n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A., a todos os interessados que como tal se constituam no procedimento.
- b) Fixar em 10 dias úteis o prazo para a constituição de interessados e para apresentação de contributos para a elaboração do projeto de alteração do Regulamento, nos termos do n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A..”

Após a apresentação da proposta foi a mesma colocada à discussão, havendo as seguintes intervenções:

Sr. Vereador Carlos Albino – Questionou o porquê de só agora se estar a proceder às alterações e não mais cedo, tendo em conta a data do regulamento atual e de algumas alterações aos Decretos-Lei que lhe foram posteriores. Mais, sabendo que em 2017 aconteceu uma situação que levou ao desaparecimento de ossadas no Cemitério da Moita, pretendia saber se as alterações também, de alguma forma, servirão para corrigir possíveis situações que sejam detetadas no Regulamento anterior e que neste sejam colmatadas.

Sr. Presidente – Sobre a questão da Lei, sendo verdade que a adequação podia ter sido feita mais cedo, não o foi, por razões que se prenderam com o funcionamento da própria Câmara, e com alguma

dificuldade nesta matéria, acabando por não atualizar atempadamente os Regulamentos, sendo que a não atualização dos Regulamentos municipais não implica o não cumprimento da Lei. A Lei sobrepõe-se sempre aos Regulamentos e se a Lei tem alguma norma que contradiga o que está no Regulamento a atuação é feita de acordo com o que consta na norma legal e não no Regulamento.

O futuro Regulamento, informou, naturalmente irá incorporar toda a aprendizagem que foi feita sobre o funcionamento dos Cemitérios nos anos que decorreram. Eventualmente, a proposta não está feita e como tal não é possível adiantar o que é que em concreto vai conter, mas poderá conter normas que melhorem e que tornem mais claros os procedimentos que previnam que situações como a que ocorreram não voltem a acontecer.

Sr. Vereador Carlos Albino – Pretendeu saber se a situação de 2017 se encontra resolvida no momento.

Sr. Presidente – Esclareceu que ainda continuam a ser feitos testes. Está parcialmente resolvida, ou seja, duas das ossadas já foram identificadas, estando duas por identificar.

Não havendo mais intervenções a proposta foi submetida a votação, tendo sido aprovada por unanimidade.

## 2. APROVAÇÃO DO INÍCIO DO PROCEDIMENTO DE ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO DOS TRANSPORTES ESCOLARES DO MUNICÍPIO DA MOITA

“Atendendo a que os municípios dispõem de atribuições no domínio da educação, nos termos da alínea d) do n.º 2 do Anexo I à Lei n.º 75/2013 de 12 de setembro, que estabelece o regime jurídico de transferência de competências do Estado para as autarquias locais.

E que, de acordo com a alínea gg) do n.º 1, do artigo 33.º da mencionada Lei, compete à Câmara Municipal assegurar, organizar e gerir os transportes escolares.

Mostra-se necessário regulamentar a oferta de serviço de transporte entre o local de residência dos alunos e o local dos estabelecimentos de ensino que os alunos frequentam.

Assim, o Regulamento dos Transportes Escolares, atualmente em vigor, foi aprovado em sessão da Assembleia Municipal de 27 de junho de 2008.

Tendo por base o Decreto-Lei 299/84, de 5 de setembro, que regula a transferência para os municípios das novas competências em matéria de organização, financiamento e controle de funcionamento dos transportes escolares.

No entanto, desde 2008 até à presente data, o referido diploma sofreu várias alterações, nomeadamente, o Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 de agosto veio definir que o transporte escolar é gratuito até ao final do 3.º ciclo do ensino básico, para os estudantes menores que se encontram nas condições estabelecidas no artigo 2.º, bem como para os estudantes com necessidades educativas especiais que frequentam o ensino básico e secundário.

Alterações estas que importa considerar, acautelar e verter em Regulamento Municipal.

Por outro lado, foram introduzidas várias alterações nos procedimentos dos carregamentos dos passes escolares que não constam do Regulamento em vigor e várias alterações nos procedimentos e análise dos requerimentos de transporte escolar.

Pelo que, torna-se necessário e imprescindível atualizar e colocar à discussão das partes interessadas o Regulamento de Transportes Escolares, de forma a construir um documento orientador e organizador

da implementação desta medida de apoio, junto dos serviços municipais, Escolas, alunos, transportadoras e restantes munícipes.

Deste modo, em respeito da legislação em vigor e dos procedimentos ao nível dos transportes escolares considera-se importante proceder à elaboração de um novo Regulamento dos Transportes Escolares do Município da Moita.

Em face do exposto, ao abrigo e nos termos conjugados do disposto no artigo 98.º do Código do Procedimento Administrativo aprovado pelo Decreto-Lei n.º 4/2015, de 07 de janeiro, doravante designado por C.P.A. e da alínea k) do n.º 1 do artigo 33.º do Anexo I, à Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, propõe-se que a Câmara Municipal da Moita delibere:

- a) O início do procedimento de elaboração do projeto do Regulamento dos Transportes Escolares do Município da Moita com vista à preparação de proposta para ser submetida aos órgãos competentes, garantindo no âmbito da elaboração do respetivo projeto de alteração:
  - i. A publicitação do início do procedimento na *Internet*, no sítio institucional do Município da Moita, nos termos do disposto no n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A.;
  - ii. A participação procedimental através da constituição como interessados a todos aqueles que, de acordo com o n.º 1, do artigo 68.º do C.P.A., sejam titulares de direitos, interesses legalmente protegidos, deveres, encargos, ónus ou sujeições no âmbito das decisões que nele forem ou possam ser tomadas, bem como as associações, para defender interesses coletivos ou proceder à defesa coletiva de interesses individuais dos seus associados que caibam no âmbito dos respetivos fins, nos termos do disposto no n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A.;
  - iii. A participação procedimental através da apresentação de contributos para a elaboração do projeto do Regulamento dos Transportes Escolares do Município da Moita, nos termos do n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A., a todos os interessados que como tal se constituam no procedimento.
- b) Fixar em 10 dias úteis o prazo para a constituição de interessados e para apresentação de contributos para a elaboração do projeto do Regulamento, nos termos do n.º 1, do artigo 98.º do C.P.A..”

Após a apresentação da proposta foi a mesma colocada à discussão e não havendo intervenções a proposta foi submetida a votação tendo sido aprovada por unanimidade.

E nada mais havendo a tratar foi pelo Sr. Presidente encerrada a reunião, sendo a respetiva ata aprovada em minuta. Eram vinte e três horas e trinta minutos. E eu, Alda Mouzinho, Coordenadora Técnica nesta Câmara Municipal, redigi a presente ata que assino com o Sr. Presidente da Câmara.

Todas as intervenções feitas aquando da apresentação das propostas encontram-se devidamente gravadas em (CD), ficando as mesmas a fazer parte integrante desta ata.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

A COORDENADORA TÉCNICA